

Globethics Repository



Como construir para depois destruir [How to build and then destroy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Melo Paiva, Fred
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-21 16:56:56
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163153

Essa religião de um "Jesus pragmatista" é o que entendo que vem no mesmo sentido da "abertura" da filosofia em relação à religião que, em nossos tempos, é uma abertura da filosofia em relação a uma boa parte da

juventude. Os diálogos do anticlerical Rorty e do religioso Vattimo estão nesse caminho. Este é um bom livro, que valeria a pena ser traduzido.

Entrevista da Semana

Como construir para depois destruir

Reproduzimos a entrevista de Luiz Werneck Vianna, professor titular do IUPERJ, publicada no jornal O Estado de S. Paulo, 31- 7 -05, realizada por Fred Melo Paiva. Os intertítulos são nossos.

Luiz Werneck Vianna caminha no fio da navalha. É assim que ele se sente ao expor duas de suas teses sobre o nó que estrangula o governo Lula e que pode tirar de combate o seu mais importante idealizador - José Dirceu, o ex-homem forte transformado há em sparring há mais de dois meses. 1. Werneck acha que o impeachment de Lula - a quem vê como um "Chacrinha da esquerda", vislumbrando a possibilidade de se tornar "pai dos pobres" - pode levar a uma guerra civil. Exagero? 2. Vê com bons olhos, portanto, uma saída política para a crise. Acórdão? Pizza? O diabo é que Luiz Werneck Vianna tem autoridade para análises desse tipo. Graduado em Direito e Ciências Sociais, há 26 anos é professor titular do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, o Iuperj. Aos 66, já lecionou em várias universidades brasileiras, entre elas a Unicamp, UFRJ, UFMG e PUC-Rio. Diz-se "convencionalmente conhecido como cientista político, embora não saiba direito o que é ser cientista político, mas há quem diga que sabe". Nascido no Rio de Janeiro, esteve exilado no Chile em 1971. Depois, clandestino, foi "generosamente protegido por Fernando Henrique e Francisco Weffort, pessoas de quem me recordo com gratidão, apesar de todas as divergências já presentes na época". Autor de uma dezena de livros, o título do último deles - Democracia e os três poderes no Brasil (UFMG, 2003) - resume as preocupações de Werneck com a crise atual. À luz da convocação do ex-ministro

José Dirceu para depor no Conselho de Ética da Câmara, na próxima terça-feira, Luiz Werneck Vianna concedeu ao jornal Estado de S. Paulo a seguinte entrevista:

À luz da convocação do ex-ministro José Dirceu para depor no Conselho de Ética da Câmara, na próxima terça-feira, Luiz Werneck Vianna concedeu ao jornal Estado de S. Paulo a seguinte entrevista:

Que dimensão tem a figura do ex-ministro José Dirceu? Foi ele o responsável por atirar o governo de cima da ponte com uma pedra amarrada no pescoço?

Não sei se subscrevo a metáfora. O ex-ministro José Dirceu foi o grande estrategista político desse último movimento de ascensão do PT. Sem ele, dificilmente o candidato Lula teria o êxito que teve, especialmente ao constatar que o programa histórico do PT não era factível para o País. No entanto, Dirceu não foi suficientemente firme quando chegou ao poder: queria uma aliança restrita e não teve. Queria uma outra política econômica e também não teve. É por isso que agora se encontra na situação em que está.

José Dirceu. O Maquiavel do príncipe

A participação de José Dirceu na viabilidade da candidatura de Lula coincide com um período em que o PT se "profissionaliza" - deixa de ser o partido que vendia estrelinha de plástico para tornar-se verdadeiramente estruturado. O que isso trouxe de bom e de ruim?

O PT sempre foi um partido muito difícil de conduzir, porque trouxe para a vida partidária - sobretudo para a esquerda brasileira - uma idéia nova que parecia ser muito persuasiva: a idéia de um partido como uma federação de tendências. Isso foi apresentado como uma forma democrática de ser partido no mundo de hoje. Foi muito conveniente quando o partido se projetava, visto que todas as flores que existiam dentro dele podiam desabrochar e captar votos para o fortalecimento da legenda. Agora, conquistar a Presidência e, mais que

tudo, exercê-la importava a existência de um programa. Assim, uma tendência havia de se tornar hegemônica. Criou-se então a necessidade de um corpus burocrático dentro do partido, que garantisse a ele uma espinha dorsal.

Aí entra a batuta de José Dirceu.

Era o homem com faro e instinto de vida partidária. Não era ligado aos movimentos sociais, mas um especialista na política - o Maquiavel do príncipe.

O atalho maldito

Quando essa política de José Dirceu passa o oferecer riscos ao PT e à governabilidade de Lula?

Com o horizonte muito sombrio que havia pela frente, o governo teve de se desembaraçar logo de suas ilusões de campanha. Caso fosse implantado aquele programa que animou o partido em seu crescimento, a possibilidade de o País se converter em uma Venezuela era muito grande. O risco da perda de governabilidade era imenso porque este Executivo não tinha apoio no Congresso. José Dirceu mais uma vez acertou quando preconizou a aliança com um grande partido de centro, o PMDB. Mas isso não foi aceito pelo PT. O partido então foi obrigado a garimpar para obter esse apoio em pequenos partidos, em geral de extração clientelística, formados por políticos nascidos para gerir o empreendedorismo político - sem nenhuma natureza nem vocação programática. Gerir isso implicou um cálculo e uma política muito arriscada, porque na relação com esses partidos o governo não podia se ater a temas de programa - e sim a

temas de varejo. O PT precisou contemplá-los em cada ministério e em cada estatal, nos quais passaram a fazer da política uma máquina de manipulação de pessoas e recursos, privados e estatais. O erro do partido foi ter montado essa vertebração com o que havia de mais atrasado na política brasileira. Foi o atalho maldito.

Guerra civil. O ovo da serpente está aí!

Havia outra saída, além da aliança com o PMDB?

O PT podia governar sozinho, com apoios que ele fosse pegar topicamente. Isso ia depender da política governamental e petista - ou seja, teriam de procurar temas e formas de abordá-los que fossem consensuais. Mesmo sem ter maioria consolidada dentro do Parlamento, manteria o governo, o partido e a opinião pública - especialmente essa, que votou por mudanças - animados pela possibilidade de estar perseguindo o seu objetivo, ainda que de forma lenta e conhecendo obstáculos poderosos. Enfim, a identidade estaria preservada.

O que levou o PT a escolher o atalho maldito?

A aceitação desse terreno minimalista em que o governo abdica de seu projeto e se alia às forças mais degeneradas se dá por causa da volúpia à reeleição. Quando isso se estabeleceu, o que se fez? Julgou-se que esses primeiros quatro anos não eram para dar grandes frutos, mas para manter o que aí está.

Que impacto tem uma figura como José Dirceu, com toda a sua biografia, praticamente sentado no banco dos réus?

É uma imagem terrível. Afeta toda uma geração. José Dirceu é muito representativo da turma de 1968...

Afeta a crença na democracia?

Não tenho nenhum sobressalto quanto a retrocessos institucionais - dependendo de

como este processo seja levado à conclusão, a democracia poderá sair mais sedimentada do que está. Mas claro que há riscos. Nunca controlamos todos os processos da vida. Há sempre uma placa que se descola da Discovery, e de repente você fica pendurado na estação espacial e não consegue voltar. Acho que, se houver uma tensão muito forte entre os poderes, é complicado... Porque esse Parlamento, desmoralizado como está, não pode fazer o impeachment de um presidente da República. O ministro Nelson Jobim tem razão no que está dizendo: é preciso encontrar uma solução que seja institucional, ética, mas também política para a crise atual. Porque senão isso pode terminar em uma guerra civil...

O senhor realmente acredita nessa possibilidade?

O ovo da serpente está aí. E não é à toa que o presidente da República, sentido o risco, cada vez mais se apresenta como o pai dos pobres. E se essa marca cola - e parece que cola - é complicado. Em um país como este, afastar o pai dos pobres é um risco muito grande. Basta lembrar o que aconteceu com Getúlio Vargas. É por isso que a saída para a crise tem de ser política também.

A reforma política

Desde a abertura política que, de tempos em tempos, assistimos a uma suposta faxina ética promovida por um algum escândalo que estoura. Há cassações, impeachment, mas o fato é que os esquemas se reestruturam. Será que nossas instituições são tão fortes, como sempre se diz em momentos de crise?

Isso é natural das democracias. É o que ocorre na França, nos Estados Unidos, na Alemanha. Não estamos diante de nenhum bicho-de-sete-cabeças. Problema de financiamento de campanha é um inferno em todo lugar. Agora, a nossa institucionalidade democrática está ameaçada pelo fato de

termos um sistema partidário-eleitoral inteiramente defasado. É inadmissível, a essa altura, confiar que basta ter um sistema complacente, plural, que vamos conseguir avançar. Não vamos. A reforma política já passou da hora há muito tempo - é uma exigência inadiável, obra de salvação pública. Como está, aqui pode tudo. A senhora Karina Somaggio pode posar nua para a Playboy, de óculos e sentada em cima de malas de dinheiro, levar R\$ 2 milhões para casa, bancar sua candidatura à deputada e ser eleita. A legislação permite isso, já que não vamos votar em partido, mas na Karina. A nossa sociedade está fragmentada. Os indivíduos estão soltos, expostos apenas à mídia, sem nenhuma vida associativa. Os empreendedores políticos da Baixada Fluminense, do cinturão de São Paulo, as igrejas - tudo isso está invadindo o território republicano, sem propostas e sem programas. Candidatos confundem suas ambições individuais de mobilidade social com as instituições da República. É isso o que temos. E este Parlamento que aí está dá vergonha ver.

A reforma política deveria ter sido a primeira medida do governo Lula?

O PT era a favor da reforma política. Por que não a fez? Por que foi fazer o programa dos outros? A reforma da Previdência não era programa dele. A do Judiciário também não. Mas não fizeram a reforma política porque ela implicava rebaixar justamente o empreendedorismo político com o qual o governo havia feito sua principal aliança. Na medida em que o partido abdicou de realizar o seu programa, deixou de fazer proselitismo, abandonou os movimentos sociais, não mobilizou a sociedade. Poderia estar lá com a representação que tinha, com o apoio do PPS, do PV, do PDT, de parte de outros partidos - e jogando os seus quadros na sociedade para respaldar suas posições no Parlamento. Quando ele vai pelo outro lado, abdicando de tudo, para que movimento social? Para que militância? Para que partido? O partido vira então mera

escora burocrática de apoio - e torna-se uma máquina encapsulada em si mesma.

Virou tudo uma novela, com seus heróis e suas beldades

A reaproximação de Lula com os movimentos sociais é boa estratégia de enfrentamento da crise?

Não creio que esteja se reaproximando dos movimentos sociais. É tudo midiático, uma manobra populista clássica. Aliás, este governo só se aproximou da população pobre através de programas assistencialistas que o próprio partido tem um histórico de condenação a eles - o PT é o partido animoso que se perverteu numa máquina burocrática sem sentido. Na outra ponta, a sociedade brasileira está inteiramente despolitizada. Está atenta aos rumos do País ou está mobilizada por causa da espetacularização da política na mídia? Virou tudo uma novela, com seus heróis e suas beldades. É de chorar.

É assim que o senhor vê o desenvolvimento dos trabalhos da CPI dos Correios?

A República e seus procedimentos foram inteiramente desalojados em nome da prevalência do código penal aplicado ao tema da moralidade. A sociedade não aparece na cena pública para discutir como está a sua vida, para onde ela quer ir. Converteu-se a nossa política em um grande tribunal, com seus inquisidores terríveis, os cômicos, os bonzinhos, os falsamente cultos.

Existem críticas à ampliação das investigações de corrupção a governos passados, sobretudo ao período FHC. Mas há fortes indícios de que o esquema Marcos Valério também serviu ao PSDB. É justo que a corrupção fique circunscrita ao PT e ao governo Lula?

A corrupção é congênita ao sistema político. Até no Japão escândalos de corrupção têm sido terríveis. Não há nenhuma tara brasileira, particular, em relação ao tema. Lamentavelmente, isso faz parte da condição humana - especialmente quando ela é exposta a situações de sociabilidade perversas e a instituições formadoras da opinião pública que não são adequadas. A sociedade vai mudando, e é preciso ter instituições ágeis e estadistas capazes de interpretar as novas circunstâncias - e fazer com que essas instituições tragam a sociedade para a vida participativa, que a ilumine com a noção do bem comum. O fato é que, desde a redemocratização do País, nós nos abandonamos à expressão mais selvagem dos interesses. Aliás, o PT nasceu de uma emanção selvagem do mundo dos interesses - refratária à política, ligada a um sindicalismo de interesses, refratária aos intelectuais, aos programas e às concepções de bem comum. É um partido que nasce a partir da expressão de um bem particular - o novo sindicalismo, o sindicalismo do ABC. O ovo da serpente já estava aí.

Quando Lula disse que não era de esquerda, o senhor não se surpreendeu. A crise atual o surpreende?

Seria presunçoso dizer que não, porque essa escala foi nova, né... Apropriar-se da vida republicana para lotear o Estado entre esse empreendedorismo político mais miserável que já apareceu aqui... Roberto Jefferson, aquele rapaz do PL, o Valdemar (Costa Neto)... Isso é inédito. Uma coisa era o Juscelino chamar os grandes empresários para fazer obras. Rolou muito dinheiro ali. Mas era diferente. Não era dinheiro para cantores de ópera bufa de província e subúrbio. No final, nos entregaram uma Brasília, uma indústria automobilística, a idéia de orgulho e identidade nacional, um programa de desenvolvimento. O que temos agora? Nada, a não ser blindagem do sistema econômico-financeiro do governo anterior.

Um 'acórdão'? Indecente!

Fala-se em um grande acordo para evitar cassações na Câmara dos Deputados. O que pensa desse tipo de arranjo?

Um acordo como esse é indecente e tem de ser denunciado.

E um acordo para evitar o impeachment do presidente?

Temos de enfrentar essa crise com as instituições, com princípios éticos e com regras morais - mas também não podemos abstrair o fato de que essa crise faz parte do mundo da política e, como tal, a política tem de estar contemplada na sua solução. É evidente que, se aparecer uma prova contundente - dessas que não deixam margem à dúvida - de que a Presidência está envolvida, creio que isso não deve ser calado. Mas não creio que se deva ter isso como um horizonte desejado. Temos de pensar na nossa história, na tragédia da nossa história, no que conseguimos ao longo dessas últimas décadas e no que ainda podemos conseguir. Não podemos entregar para o momento seguinte uma política inteiramente conturbada, dividida e dramatizada por um impeachment que não tenha logrado um processo consensual prévio. Impeachment, apenas com consenso na sociedade e nas forças políticas.

Lula é o Chacrinha da esquerda brasileira

Voltando à experiência de José Dirceu. Antes dele tivemos outros homens fortes, como Golbery e Leitão de Abreu. O nosso presidencialismo exige esse personagem? Getúlio não teve homem forte. Nem Juscelino. Mas presidentes despreparados precisam de homens fortes preparados ao seu lado.

Lula esteve, confortavelmente, instalado entre um homem forte, coordenando a

política e outro, a economia. Isso o alienou do processo de comando do País?

Ele ficou de turista. Abdicou do programa e abdicou de exercer o governo. Preste atenção na história dele: nunca gostou de política. Mesmo na presidência do partido, não tinha gosto por isso. O que ele sempre gostou é dessa comunicação midiática. É o Chacrinha da esquerda brasileira - inclusive no bom sentido.

Lula é agora um homem em busca de seu homem forte ou enfim terá de assumir seu posto?

Agora ele terá de governar. E sem homens com o preparo para o poder, como tinha o Dirceu, vai ter dificuldades. Bom, tem o Palocci, mas...

PT e PSDB são almas gêmeas

O que muda depois da crise?

Está claríssimo que PT e PSDB são almas gêmeas - nasceram no mesmo solo, com a mesma vocação do interesse, representando aspectos modernos da sociedade brasileira. Um tanto dessa crise que temos deriva do fato de que essas almas gêmeas se odeiam - e isso não ajuda o sistema partidário brasileiro a encontrar o seu centro de gravidade natural. Onde está o centro na política brasileira? Onde está a esquerda? A direita? Isso não sabemos mais.

O senhor tem esperança em um cenário que una PT e PSDB?

Tenho muita esperança que a pedagogia dessa catástrofe se exerça sobre nós. Não apenas em relação a PT e PSDB, mas também quanto a novas alternativas. O que há de interessante, de mais preparado, que encontre possibilidades de passagem. Não tenho nada com isso, mas vou falar como observador e com muito cuidado: há dois nomes que estão aí à disposição da República brasileira que não podemos mais desconsiderar. Um deles é Nelson Jobim; o outro, Mangabeira Unger. Não sei se é para um deles ganhar a Presidência da República.

Mas para fazer uma campanha educativa, de outro tipo, que soerga as instituições político-partidárias de outro jeito - sem essa demagogia, esse populismo barato, esse descompromisso com os interesses do País, que estão em todos esses partidos aí. Precisamos de uma nova respiração, que está lá embaixo mas não consegue passagem. PT e PSDB ficaram muito comprometidos com uma política que já dura dez anos... Precisamos de um caminho novo, que dê esperança ao País. Porque o País é muito enérgico, uma das sociedades mais enérgicas do mundo. É só olhar as ruas - um País muito animado, que merece uma outra política.

As alternativas sempre nos lembram Garotinho...

É um risco sério que todos corremos. Política não pode ser um jogo ingênuo. Exige cálculo. E o mau cálculo, como foi feito por este governo, pode levar a desastres. Hoje temos um sistema político entregue à natureza selvagem da sociedade brasileira. Não que se deva reprimi-la. Mas é preciso criar bons canais para que a sociedade expresse o que há de melhor nela - expresse o bem comum, no lugar dos interesses individuais mais selvagens, as ambições mais irrefreadas. É assim que um político do interior do Rio botou na cabeça que vai ser presidente da República e pronto, acabou. Não pode ser assim. Tem de haver filtros, critérios. Aí se entrega a uma televisão, e num espetáculo midiático convence a população de que é o eleito, o salvador, o Sebastião. Lula foi eleito assim. E daí? A primeira coisa que fez foi dizer que seu programa era irrealizável e foi fazer o programa dos outros.

O senhor acha que está se montando um discurso que diz "experimentamos o PT e agora chega"?

Mas é isso mesmo: esse PT que conhecemos até então foi experimentado e agora chega. A

própria esquerda está buscando alternativas novas.

Desse processo pode sair um PSOL relevante?

Vai se tornar relevante. Como partido minoritário, mas vai. Não creio que nasça vocacionado para se tornar hegemônico ou para ter muita envergadura. Mas será um marcador, que encontra ressonância nos jovens.

E o PT?

Terá mesmo de ser refundado, e Tarso Genro está demonstrando ser uma pessoa preparada

para isso, com um senso de responsabilidade muito grande. Olha, partido é muito duro de morrer. Veja o PMDB, hoje o maior partido do Brasil. Partido é como time de futebol. O Vasco toma de 7, mas estará aí nos próximos cem anos.

Por último, a pergunta que não cala: Lula sabia ou não sabia?

Saber não é ciência exata. Estou aqui com uma metáfora de péssimo gosto: quantos maridos sabem e ao mesmo tempo não sabem?

Filme da semana

Todos os filmes apresentados nesta editoria foram vistos por algum colega do IHU.

Um filme falado

Nome original: Um Filme Falado

Cor filmagem: Colorida

Origem: França – Portugal

Ano produção: 2003

Gênero: Drama

Duração: 96 min

Classificação: 12 anos

Direção: Manoel de Oliveira

Elenco: Filipa de Almeida, John Malkovich, Catherine Deneuve, Stefania Sandrelli, Irene

Papas, Ricardo Trepa, Leonor Silveira

Na periferia da Europa

Por Ricardo Calil